

O CASO DO SENHOR VALDEMAR
RIBEIRO DE SOUZA: a exemplificação do
papel do migrante maranhense e sua
importância na formação do Centro do Zé
Doca

Mailson Martinho

O CASO DO SENHOR VALDEMAR RIBEIRO DE SOUZA: a exemplificação do papel do migrante¹ maranhense e sua importância na formação do Centro do Zé Doca²

Mailson Martinho³

RESUMO

A perspectiva de uma História focada em personagens que outrora eram desconsiderados ou entendidos com menos importância, viabilizou análises ligadas as pessoas ditas comuns, como a que aqui se propõe, que é voltada a refletir sobre a história do senhor Valdemar Ribeiro de Souza, as similaridades entre ela e a de outros imigrantes que se deslocam e fincam morada na Região do Alto Turi, especialmente em Zé Doca, as contribuições desse personagem para a sociedade, história e cultura zedoquense e a possibilidade de uma compreensão da história desse lugar ou dessa região a partir das experiências e percepções deste personagem. Deste modo, o objeto deste estudo é a trajetória de vida do senhor Valdemar, com ênfase no recorte temporal que vai de 1950 e 1970, período de intensas imigrações para a Região do Alto Turi e para o Centro do Zé Doca. A importância desse estudo se dá pela notabilidade que os que imigram para aquela região, bem como para essa localidade, possuem para a formação e o desenvolvimento dessas espacialidades. O referido estudo toma como bases metodológicas a bibliografia já existente acerca da história desses espaços e a História Oral, embebida pela memória, no processo de levantamento de informações a partir de entrevistas realizadas com familiares, amigos, conhecidos e o próprio senhor Dico, nome pelo qual o senhor Valdemar é também conhecido na localidade. Neste contexto, entre os teóricos base para as reflexões que aqui se propõem estão Andrade (1968), Arcangeli (1987), Jansen *et al* (2019), Lima Junior (1987), Luz e Florêncio (2011), Martinho (2022), Matos *et al* (2019), Nascimento *et al* (2023) Trovão (2008) e Velho (1972). Contudo, fica evidente que a importância deste personagem está para além das questões sociais, econômicas ou mesmo políticas, uma vez que ele tem um trabalho singular acerca do processo de preservação da história e da cultura zedoquense, bem como da região Nordeste, do Brasil e do mundo, exemplificado em seu vasto acervo com peças de significativo valor histórico e cultural.

Palavras-chave: Trajetória de vida. Imigrantes. Valdemar Ribeiro de Souza.

ABSTRACT

¹ As expressões migrante, emigrante e imigrante são utilizadas aqui tomando como base o entendimento do Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (2009) que define: Migrante, como aquele que se desloca de um local para o outro; o Imigrante como o que adentra uma dada localidade, região ou país, com a finalidade de residir ou trabalhar; e Emigrante como aquele que deixar o local de origem, com intenção de se estabelecer em outra localidade.

² De acordo com Martinho (2022), o termo Centro do Zé Doca é o nome dado ao lugarejo ou povoado fundado, na segunda metade da década de 1950, por imigrantes advindos da parte central do Maranhão, de localidades situadas em áreas que hoje compreendem as regiões de planejamento do Mearim e Médio Mearim, e de outros estados do Nordeste.

³ Mestrado Profissional em Pós-Graduação em História pela Universidade Estadual do Maranhão, Brasil (2022). Pesquisador do Instituto Federal Maranhão - Campus Zé Doca (MA), Brasil <http://lattes.cnpq.br/7334823952634238>. mailson.martinho1988@gmail.com

The perspective of a History focused on characters that were once disregarded or understood with less importance, enabled analyzes linked to so-called common people, such as the one proposed here, which is aimed at reflecting on the story of Mr. Valdemar Ribeiro de Souza, the similarities between her and that of other immigrants who move and settle in the Alto Turi Region, especially in Zé Doca, the contributions of this character to the society, history and culture of Zedoquense and the possibility of an understanding of the history of this place or this region to be from the experiences and perceptions of this character. Thus, the object of this study is the life trajectory of Mr. Valdemar, with emphasis on the time frame that goes from 1950 to 1970, a period of intense immigration to the Alto Turi Region and to the Center of Zé Doca. The importance of this study is given by the notability that those who immigrate to that region, as well as to that locality, have for the formation and development of these spatialities. This study takes as methodological bases the existing bibliography about the history of these spaces and the Oral History, soaked by memory, in the process of gathering information from interviews with family, friends, acquaintances and Mr. which Mr. Valdemar is also known in the locality. In this context, among the theoretical basis for the reflections proposed here are Andrade (1968), Arcangeli (1987), Jansen et al (2019), Lima Junior (1987), Luz e Florêncio (2011), Martinho (2022), Matos et al (2019), Nascimento et al (2023) Trovão (2008) and Velho (1972). However, it is evident that the importance of this character goes beyond social, economic or even political issues, since he has a unique work on the process of preserving the history and culture of Zedoquense, as well as the Northeast region of Brazil and the world, exemplified in its vast collection with pieces of significant historical and cultural value.

Key words: Life trajectory. Immigrants. Valdemar Ribeiro de Souza.

I. INTRODUÇÃO

Por muito tempo, em função da concepção historiográfica positivista, a História somente tinha olhos para os grandes acontecimentos, no geral entendidos como os políticos, militares ou administrativos, e em vista disso elegia determinados personagens, que no geral também estavam associados a essas perspectivas, como os motores de seus acontecimentos (BARROS, 2010).

Para Peter Burke (1992) essa perspectiva, começa a mudar com os Annales e o direcionamento de estudos para olhares que outrora eram desconsiderados, como a vida cotidiana das pessoas das pequenas comunidades, os aspectos culturais que constituem as diversas sociedades ou mesmo a importância de personagens, outrora entendidos como de pouca ou sem nenhuma significância, para um dado evento.

É assim que o foco sobre os acontecimentos se modifica ou, pelo menos, adquire novas facetas, o que viabiliza a História, como campo de conhecimento, um olhar mais

plural, mais rico e apurado em relação a um determinado evento, acontecimento ou realidade, traçando e trazendo perspectivas que em outros momentos eram desconsideradas ou desconhecidas.

Neste sentido, as análises que aqui se propõe trazer, objetivam uma reflexão acerca da trajetória de vida do senhor Valdemar Ribeiro de Souza – também conhecido como Dico, Dico do JK, Demar e Magazine –, dos elementos que a constitui e que são comuns a história dos muitos que emigram de outras áreas do Maranhão ou de outros estados do Nordeste, entre as décadas de 1950 e 1970, para a Região do Alto Turi⁴, bem como das contribuições que esse personagem traz para a sociedade e a cidade de Zé Doca.

A ideia aqui é também mostrar a importância que esse personagem tem para a preservação da cultura e da história zedoquense, materializada no acervo que o senhor Dico mantém em sua loja, o Magazine JK, e que possui peças históricas e do cotidiano dos primórdios de Zé Doca, como roupas, utensílios domésticos e armas.

Não obstante, outro ponto significativo deste estudo se liga ao fato de que a própria história do senhor Dico, pode viabilizar o entendimento acerca dos eventos históricos de sua época, isso pois, a partir da percepção de mundo deste personagem ou mesmo da análise dos elementos que constituem a sua trajetória de vida, o local, o regional e até mesmo nacional, podem ser conhecidos e entendidos.

Embora este estudo traga elementos que perpassem a própria temporalidade de vida do senhor Valdemar Ribeiro de Souza, como por exemplo as origens de seus pais, o recorte temporal desta pesquisa tem como foco central as décadas de 1950, 1960 e 1970, período

⁴ Segundo Martinho (2022) a expressão Alto Turi ou Região do Alto Turi é usada já desde o Projeto de Povoamento do Maranhão como forma de designar a área que abrange a nascente do Rio Turiaçu, o maior e principal rio da Bacia Hidrográfica do Rio Turiaçu, uma das 7 bacias hidrográficas presentes e de domínio do Estado do Maranhão. Todavia, ainda segundo este autor, esse termo é hoje usado em referência a Região de Planejamento do Alto Turi, que além de ser área da nascente do Rio Turiaçu é também constituída pelas cidades de Araguaianã, Governador Newton Bello, Nova Olinda do Maranhão, Presidente Médici, Santa Luzia do Paruá e Zé Doca,

de grande efervescência migratória em relação ao recorte espacial deste estudo, o Centro do Zé Doca, atual cidade de Zé Doca.

Assim, cabe aqui dizer que, para além do aspecto histórico, defendido por Luz e Florêncio (2011), que coloca esses imigrantes como fundadores e povoadores dessa e de outras cidades no Alto Turi, Martinho (2022) e Nascimento *et al* (2023) enfatizarão a relevância desses indivíduos no processo de formação cultural dessas sociedades, como introdutores da religiosidade predominantemente católica, de expressões típicas do dialeto nordestino e de festividades e manifestações culturais próprias do Maranhão e do nordeste, como os arraiás e as quadrilhas juninas.

O foco aqui, é importante que se diga, não é fazer juízo de valor acerca das ações ou das decisões que o senhor Valdemar toma durante sua vida, mas é tão somente refletir sobre como este personagem pode ser representativo da história dos muitos outros que se deslocam para o Alto Turi e ali fincam morada, assim se concebendo como um importante acontecimento histórico, político, social, econômico e cultural, para a formação dos inúmeros povoados e das diversas cidades que se formam nessa região, em especial, o Centro do Zé Doca, atual cidade de Zé Doca.

Em vista disso, os apontamentos que aqui se colocam, se fazem no sentido comparativo de traçar a história do Senhor Valdemar Ribeiro a partir de elementos que constituem o processo histórico de formação do Alto Turi e do município de Zé Doca, para tanto considerando a bibliografia já existente acerca da história dessas espacialidades, entre as quais cabe destaque a Manhães (1987), Arcangeli (1987), Lima Junior (1987), Luz e Florêncio (2011), Martinho (2021) e Martinho (2022).

Assim também, a metodologia da História Oral se constitui aqui como uma importante base para o levantamento de informações acerca da história do personagem, objeto de reflexão desta pesquisa, e de suas experiências em relação as espacialidades com as quais interage ao longo de seu processo migratório até Zé Doca.

Deste modo, a partir de entrevistas orais, focadas na memória e percepção de mundo, de familiares, amigos, conhecidos e do próprio senhor Dico, buscou-se refletir e

compreender os elementos constituintes da vida desse personagem e as semelhanças existentes entre ele e as trajetórias de vidas de outros imigrantes que se deslocam para o Alto Turi.

Nesse sentido, é importante deixar claro que, como metodologia da História Oral, as entrevistas que aqui se desenvolveram, tomaram como base os preceitos estruturais, quanto a preparação, organização, realização e tratamento dos dados coletados, de Alberti (2013) e Delgado (2010). Deste modo, desde a escolha dos entrevistados até as questões que foram feitas a cada um, se deu no sentido de melhor entender e elucidar o objeto deste estudo.

Nesse contexto, as questões levadas aos entrevistados tinham como objetivo levantar informações acerca da percepção desses indivíduos quanto a história e a importância sociocultural do senhor Dico para Zé Doca. Assim sendo, as perguntas desenvolvidas nas entrevistas se ligam as origens desse personagem, ao seu cotidiano no Mearim, ao processo migratório a Região do Alto Turi, as atividades laborais exercidas em sua vida, à sua trajetória como empresário local, ao processo de estruturação do seu acervo e a outras questões que se ligavam a família, a história de Zé Doca e a importância de seu Dico para essa localidade.

Deste modo, a ideia aqui é trazer um debate acerca dos elementos que compõem a história de vida dos muitos que imigram para o Alto Turi, entre os quais está o senhor Dico. Para tanto, desenvolve-se uma discussão buscando relacionar o que os entrevistados e os estudos já desenvolvidos sobre a Região do Alto Turi ou a história de Zé Doca trazem em relação as origens dos que imigram para essa região, a ascendência, o processo migratório, as atividades de trabalho, o cotidiano e outras diversas questões importantes para o entendimento sobre esses personagens.

Neste sentido, refletir sobre elementos que compunham a vida dos que migram para a Região do Alto Turi, pode não somente viabilizar o entendimento acerca de como se deu esse processo ou das questões que se ligam e influenciam para que o mesmo aconteça, mas também pode permitir a compreensão das questões ligadas ao próprio processo de

formação dessa região ou dos seus lugarejos, como as influências culturais e sociais, os aspectos do cotidiano e as atividades econômicas predominantes.

Assim, por exemplo, entender que os que chegam aquela região eram predominantemente agricultores, tal qual afirmam Andrade (1968) e Trovão (2008), nos permite compreender como essa atividade se faz economicamente forte na região, mas também nos dá uma noção acerca de como o ideário de terras férteis e devolutas⁵, existentes na época para essa espacialidade (MARTINHO, 2022), serão fatores de atratividade para esses tipos de imigrantes.

Em vista de tudo isso, fica claro a importância dessas reflexões para a elucidação da trajetória de vida do Senhor Valdemar Ribeiro de Souza, para a compreensão de como elementos pertencentes à história desse personagem podem ser comuns a história de outros personagens que imigram para o Alto Turi e para Zé Doca, mas também para o conhecimento acerca da própria história desta região ou desta cidade.

2. TRAJETÓRIA DE VIDA E REALIDADE MIGRANTE: similaridades entre o contexto do senhor Dico do JK e de outros migrantes maranhenses

As mudanças nas concepções historiográficas implementadas com os Annales, entre as tantas questões, viabilizaram outros olhares a esse campo de saber. Se outrora a História possuía um olhar mais ligado aos grandes eventos – no geral políticos, administrativos ou militares – ou aos grandes personagens, com as novas concepções atribuídas a esse campo, outras fontes, abordagens e personagens são agora possíveis de serem analisados.

Deste modo, personagens que anteriormente eram desconsiderados na tessitura da história, agora passam a serem analisados e entendidos como parte fundamental para a

⁵ De acordo com Martinho (2022) o termo terras devolutas que se associa a expressão devolvida é usado para caracterizar as terras públicas, que embora não utilizadas pelo Poder Público, não podem integrar o patrimônio de um particular, mesmo que de forma irregular.

compreensão de um dado objeto, de uma localidade específica, de um determinado tempo ou mesmo de uma certa realidade.

Um exemplo clássico dessa nova realidade e dessas novas abordagens encontra-se na obra “O queijo e os vermes” de Carlo Ginzburg (2006), em que este estudioso retrata a história real da vida do moleiro Domenico Scandella, mais conhecido como Menocchio, que no século XVI, pela sua visão particular de mundo, acaba desafiando a inquisição.

É a partir dessa história que Ginzburg evidencia a relevância de microanálises ou micro-histórias, como práticas guiadas pela redução de escala de observação e que tem como base o modelo epistemológico de interpretação, denominado de “paradigma indiciário”, que por sua vez valoriza as especificidades do objeto de estudo, buscando sua reflexão a partir de sinais ou indícios que possam dar conta de sua integridade.

Muito embora a situação do Menocchio possa ser entendida como uma singularidade e, por vezes, incomum a realidade de muitos dos seus pares, muitas vezes a realidade de um personagem pode refletir ou ter elementos comuns a própria história de vida de outros personagens, sendo assim representativa da vida e realidade de muitos indivíduos.

Neste contexto, a ideia do paradigma indiciário de Ginzburg (2006), como algo que valoriza os detalhes ou os vestígios imperceptíveis ou entendidos como insignificantes, se faz aqui relevante e se coloca no sentido de valorizar as especificidades do objeto deste estudo e de tentar trazer dialética entre o micro, exemplificado na realidade do senhor Dico, e o macro, que se associa a experiência dos muitos outros imigrantes que chegam ao Alto Turi ou mesmo que se liga a própria história dessa região.

A trajetória de vida do Senhor Dico é aqui então colocada como uma especificidade que, embora dotado de singularidades, pode se comunicar com o macro, no sentido de evidenciar as experiências de muitos outros imigrantes que fixam morada no Alto Turi, mas também por trazer elementos que podem ser importantes para a compreensão desse processo ou mesmo do cotidiano e da realidade dos primeiros personagens a fincarem morada nessa região.

Como exemplo, no Maranhão, ao falarmos sobre o migrante propriamente natural deste estado, que se desloca da sua terra natal, passando a transitar pelo interior deste território e a fincar morada no Alto Turi, sendo importante ao processo de fundação, povoamento e desenvolvimento de muitas das localidades que se formam nessa região, ao longo da BR-316, algumas trajetórias de vida podem ser exemplificativas das mais diversas questões que permeiam o cotidiano desses imigrantes.

É assim, por exemplo, que pode ser estabelecido um vínculo entre diversos elementos constituintes da vida do Senhor Valdemar Ribeiro de Souza – conhecido em Zé Doca e outras localidades, por populares, amigos ou familiares como Dico, Dico do JK, JK, Demar e Magazine – com as experiências vividas pelos diversos outros migrantes maranhenses, que se estabelecem no Alto Turi, no processo de formação e afirmação dos muitos lugarejos que na região se formam, entre os quais está Zé Doca.

Neste contexto, no tocante ao personagem objeto deste estudo, acerca dos seus diversos cognomes, de como cada um é usado e por quem é usado, Joselia Duarte da Costa Sousa⁶, filha do senhor Valdemar, expõe que:

“As pessoas chamam ele de Valdemar, que é o nome dele, mas chamam de Magazine, chamam de JK, chamam de Dico e chamam de Demar. [...] são nomes populares. As pessoas deram esses apelidos. Deram esse apelido de Magazine por causa da loja. Deram esse apelido de JK por que é Magazine JK o nome da loja. Dico, são os amigos mais próximos que chamam de Dico. Os familiares, alguns chamam de Demar. E tem poucos que chama de Valdemar, mas Valdemar é o nome mesmo.”

Por sua vez, em relação aos processos migratórios que ocorrem ao longo da história do Maranhão, pelo interior deste território, cabe aqui evidenciar que, tal qual afirma Trovão (2008), eles possuem significativa importância para o povoamento deste espaço, sendo responsáveis diretamente pela formação de cidades nas mais diversas regiões deste estado.

⁶ Entrevista de pesquisa concedida em 02 de janeiro de 2023, na cidade de Zé Doca – MA.

Assim, em relação ao povoamento do Maranhão, Trovão (2008) dá destaque a três frentes migratórias. A primeira dessas, denominada de Frente Litorânea, tem início ainda no século XVI, com o avanço humano do litoral até a parte inferior e média do Rio Itapecuru e os cursos inferiores dos rios Turiaçu e Pindaré, sendo responsável pela formação de lugarejos entre 200 a 300 km do litoral, que posteriormente darão origem as cidades de Pindaré-Mirim, Bacabal, Pedreiras, Codó e Caxias.

A segunda é a denominada Frente Pastoril ou Frente Pecuarista, iniciada no século XVII pela ocupação de áreas hoje pertencentes as cidades de Pastos Bons, Grajaú e Barra do Corda, chega até as orlas dos chamados vales úmidos do Maranhão, no Mearim, Grajaú, Pindaré e Turiaçu, e na borda da floresta amazônica em Imperatriz, sendo caracterizada pela criação de gado (VELHO, 1972).

Por sua vez, a terceira via, denominada de Frente dos migrantes da seca e dos expropriados do nordeste, se dá a partir da primeira metade do século XX, sendo marcada pelo afluxo de nordestinos de estados para além do território maranhense que, segundo Arcangeli (1987), migram para esse estado pelos mais diversos motivos.

Os que emigram de estados do Nordeste para além do Maranhão, são oriundos, principalmente, do Ceará, do Piauí, de Pernambuco, do Rio grande do Norte, da Bahia e de Alagoas, e se deslocam para o Alto Turi pelos mais diversos motivos, entre os quais estão a fuga da seca, a busca por melhores condições de vida, a busca pela posse de um pedaço de terra nas denominadas áreas devolutas do Maranhão e a fuga da opressão dos coronéis (MARTINHO, 2021, p. 168-169).

Essa corrente vai ocupar áreas no Maranhão situadas entre a frente litorânea e a frente pastoril e será fundamental para o povoamento de territórios situados na parte central e nas áreas a oeste e noroeste deste estado, muitas delas caracterizadas como terras sem dono e que, por tanto, se constituirão como grandes atrativos para esses migrantes que buscavam uma porção de terra para se apossar.

Ainda segundo Martinho (2021), os que se deslocam de outras áreas do Maranhão em direção ao Alto Turi e ali fixam morada, por sua vez, fazem isso principalmente na

busca por melhores condições de vida ou com o intuito de conseguir um pedaço de chão nas denominadas terras devolutas para trabalharem e chamarem de sua e são, predominantemente, do leste – de cidades como Caxias, Codó e Coelho Neto –, da Baixada Maranhense – de cidades como Penalva, Pinheiro, Viana e Monção – e da parte central do Estado – de cidades como Bacabal, Lago da Pedra e Poções de Pedra, localidade de onde inclusive o senhor Dico é natural.

Neste contexto, é importante que se diga que o entendimento acerca desses processos migratórios e de suas contribuições para o povoamento do Maranhão, pode viabilizar uma significativa visão em relação as dinâmicas territoriais deste estado e, principalmente, sobre como muitas das cidades maranhenses se formam e quais são as suas matrizes sociais. Deste modo, refletindo sobre a importância desses processos para a cidade de Zé Doca, Martinho (2022, p. 104) afirma que:

Os processos migratórios têm assim uma importância significativa para a fundação e o desenvolvimento de Zé Doca, bem como para a compreensão histórica desta cidade, de seu povo e de sua cultura, uma vez que tudo isso é diretamente influenciado por aqueles que ali chegam e ficam morada, haja vista que cada migrante traz consigo um arcabouço de conhecimentos, valores, costumes e crenças, que serão valiosos para a constituição identitária da sociedade zedoquense.

Não obstante, é importante deixar claro aqui que a compreensão acerca do processo migratório da frente da seca ou mesmo de sua fixação no território maranhense, se faz fundamental para este estudo, pois reflete parte da história de vida do personagem, objeto das reflexões que aqui são trazidas, uma vez que, como será trazido mais a frente, o senhor Dico, embora seja natural do Maranhão, é filho de imigrantes nordestinos.

Nascido no ano de 1939 e natural de Lagoa Bonita, povoado na época pertencente a cidade de Poções de Pedra, Valdemar Ribeiro de Souza, popularmente conhecido em Zé Doca como Dico do JK, exemplifica e personifica a história e trajetória de vida de muitos dos imigrantes que chegam, ficam morada e são importantes para o processo de colonização das denominadas áreas devolutas do noroeste maranhense e de fundação e povoamento dos inúmeros lugares que se formam nessa região ao longo da BR-316, a

partir da segunda metade do Século XX e que posteriormente constituirão muitas das cidades que se formam na região do Alto Turi, como o próprio município de Zé Doca.

De acordo com Martinho (2022) e Luz e Florêncio (2011) a cidade de Zé Doca se institui a partir do lugarejo denominado de Centro do Zé Doca, fundado por imigrantes nordestinos no noroeste do Maranhão, a partir da segunda metade da década de 1950, entre os rios Pindaré e Turiaçu, nas margens da vereda que precede a BR-316. Neste contexto, Martinho (2022, p. 73) traz:

Entre os lugarejos que se formam na região estava o Centro do Zé Doca, fundado entre os anos de 1958 e 1959, quando um grupo de imigrantes constituído por maranhenses e nordestinos de outros estados e saídos das regiões do Mearim e Médio Mearim, perpassam o Vale do Pindaré e através da vereda de estrada, que cortava a densa floresta da Amazônia maranhense, existente no Alto Turi e que seria a base para a posterior implementação da BR – 316, chegam ao local, entre os rios Pindaré e Turiaçu, e ali fixam morada e passam a chama-lo de Centro do Zé Doca.

Ainda segundo o Martinho (2022), em relação ao processo de formação da cidade de Zé Doca e aos elementos que constituem essa sociedade, a de se considerar as contribuições dos que imigram de outras áreas do Maranhão e de outros estados do Nordeste, correntes essas que muito contribuíram para a constituição do arcabouço sociocultural que caracteriza e marca aqueles que nascem ou passam a viver em Zé Doca.

Deste modo, essas correntes que serão responsáveis pela formação da sociedade zedoquense, serão também influentes na introdução de elementos como a religiosidade predominantemente Cristã, as manifestações culturais como Bumba Meu Boi, a Umbanda, as festividades juninas e até mesmo expressões típicas do dialeto maranhense e de outros estados do Nordeste, elementos esses que são perceptíveis nessa sociedade, o que evidencia a influência dessas correntes na cultura zedoquense. Essas contribuições ficam evidentes nas afirmativas de Martinho (2022, p. 112), quando este expõe que:

A importância de cearenses, piauienses, potiguares, pernambucanos, alagoanos, paraibanos, baianos e de outros migrantes nordestinos que rumam para o Maranhão e fincam morada em Zé Doca, perpassa o aspecto histórico,

fundacional ou de colonização, uma vez que reflete também no social, no econômico e no cultural desta sociedade.

No aspecto social, é inegável a importância desses imigrantes à composição da sociedade zedoquense. Economicamente, por sua vez, foram eles também imprescindíveis a introdução e o desenvolvimento de uma economia local de base agrária e comercial, [...].

Todavia, é no aspecto cultural que se percebe, com maior ênfase, as marcas deixadas por esses nordestinos na sociedade zedoquense, isso pois, muito do que caracteriza a cultura desse povo está intimamente ligado aqueles imigrantes. Assim, a visão de mundo, os costumes, os valores e as crenças são alguns dos aspectos perceptíveis da influência de nordestinos de estados para além do Maranhão sobre o arcabouço cultural de Zé Doca.

Por sua vez, corroborando com as afirmativas e complementando-as, Nascimento *et al* (2023, p. 55) trazem que:

O patrimônio cultural de Zé Doca é constituído por uma riquíssima diversidade de bens tangíveis e intangíveis, com influência direta das populações imigrantes oriundas de diversos estados do nordeste, inclusive do próprio Maranhão. Essa diversidade pode ser encontrada nas mais diversas práticas da vida social zé-doquense, como as expressões linguísticas, as manifestações culturais, os costumes, os valores e as crenças comuns aos maranhenses da baixada, do Leste ou do centro, ou mesmo aos nordestinos de outros estados como Ceará, Piauí, Pernambuco e Rio grande do Norte.

É assim que o catolicismo é considerado a principal denominação religiosa local e as festas juninas são marcadas pela apresentação de grupos de bumba meu boi, quadrilhas juninas, danças indígenas e outros tipos de manifestações culturais presentes no nordeste brasileiro. Além disso, outras expressões culturais como o reggae e a capoeira são marcantes na cidade.

Outro ponto importante a ser considerado no tocante a questão das imigrações em relação a Região do Alto Turi, recai sobre ao próprio traslado que os migrantes maranhenses e nordestinos de outros estados percorrem no processo migratório até aquela região, especialmente até o Centro do Zé Doca. Acerca dessas questões Martinho (2022, p. 120) coloca que:

Os que emigram do Leste, do que hoje são as regiões de planejamento de Timbiras e dos Cocais – sobretudo de Caxias, Coelho Neto, Codó, Timon, Timbiras, Peritoró e outros – para o Alto Turi – região em que Zé Doca se institui –, no geral, seguem o percurso já traçado pelos nordestinos, se deslocando rumo a oeste, chegam as cidades de Pedreiras, Bacabal e outras no Mearim e no Médio Mearim, de lá rumam para o Pindaré, perpassando o

Arraial de Santa Inês [...] e o Centro do Bom Jardim e de lá, agora no sentido noroeste, alcançam o Chapéu de Couro e, logo depois, o Centro do Zé Doca. Aqueles que são oriundos do Mearim e Médio Mearim – especialmente de Bacabal, Pedreiras, Poção de Pedras e outros –, se deslocando no sentido oeste e noroeste, chegam ao Alto Turi e ao Centro do Zé Doca, após passagens pelo Pindaré, também perpassando o Arraial de Santa Inês, o Centro do Bom Jardim e o Chapéu de Couro.

Por sua vez, os que imigram da Microrregião da Baixada Maranhense – de localidades como Pinheiro, Viana, Monção, Penalva, Vitória do Mearim, Santa Helena e outros – muito em função da proximidade desta região com o Alto Turi, chegam a Zé Doca, basicamente, por quatro pontos: o caminho via Vale do Pindaré, ao sul e passando pelo Arraial de Santa Inês, o Centro do Bom Jardim e o Chapéu de Couro; a estrada das curimatãs, localizada a nordeste do lugarejo; a estrada do Alto Alegre, também conhecido como Alto Alegre da Linha, a oeste deste povoado e a estrada do Pinga-Fogo a sudeste deste centro.

Como parte daqueles que imigram de outras áreas do Maranhão para o Alto Turi, Valdemar Ribeiro de Souza apresenta, em sua história, muitos elementos que são comuns a trajetória de vida de diversos outros indivíduos que migram para essa região, ali passando a constituir, a influenciar e serem influenciados pelo espaço e outros povos que ali também fixam morada. Neste contexto, o local de origem é um dos primeiros elementos que refletem uma certa similaridade entre a trajetória de vida do senhor Valdemar Ribeiro de Souza e dos muitos outros imigrantes que chegam no Centro do Zé Doca, especialmente entre as décadas de 1950 e 1970, período de um intenso processo migratório rumo a este lugarejo e ao próprio Alto Turi.

Como já dito anteriormente o senhor Dico do JK é oriundo da região central do Maranhão, do povoado denominado de Lagoa Bonita, na época pertencente a cidade de Poções de Pedra. Este aspecto evidencia uma ligação da história do senhor Valdemar com a de muitos outros que chegam ao Alto Turi, especialmente a Zé Doca, como afirma Martinho (2022, p. 120) e Manhães (1987, p. 37), ao colocarem que muitos dos que imigram para essa região, são oriundos do centro do Maranhão, de regiões como o Mearim e Médio Mearim.

Essa ligação nos permite entender como, no processo de constituição dos diversos povoados que se formam ao longo da Região do Alto Turi, o contingente de imigrantes

oriundos da parte central do Maranhão é numeroso e, por tanto, serão fundamentais a constituição populacional desta região.

A quantidade de membros na constituição familiar, a naturalidade dos pais e o tipo de atividade exercida por eles, serão também aspectos relevantes da trajetória de vida do senhor Dico do JK, que se assemelham a história de muitos outros imigrantes maranhenses, oriundos do centro deste estado ou mesmo de outras áreas deste território.

Um dos 14 filhos do casal Jovino Urbano Ribeiro e Maria Rodrigues de Souza Ribeiro, o senhor Dico do JK é parte de uma estrutura familiar que exemplifica a realidade de muitas famílias em situação de pobreza nas regiões interioranas do Maranhão no início do século XX, que é uma composição familiar numerosa e marcada por um significativo número de filhos, além de outros membros, que por vezes constituirá a força de trabalho dessas famílias na busca por uma renda mensal maior ou mesmo pela ajuda nas atividades do campo dos pais ou de outros familiares.

A naturalidade do senhor Jovino Urbano Ribeiro e da senhora Maria Rodrigues de Souza Ribeiro, ambos nascidos no ano de 1912, em São João do Piauí e migrantes que chegam ao Maranhão no ano de 1938, reflete a ascendência de muitos outros maranhenses, sejam daqueles que chegam e ficam morada no Alto Turi ou dos que habitam outras regiões deste estado, pois essa ligação com imigrantes de outros estados do que hoje é o Nordeste brasileiro, será algo muito comum entre os maranhenses, o que irá refletir diretamente no arcabouço cultural deste estado, que será intimamente influenciado por estados como o Piauí, o Ceará, o Rio Grande do Norte, Pernambuco e Alagoas.

A atividade laboral dos pais é outro aspecto importante da vida do senhor Dico, que é também presente e marca a trajetória de vida de muitos daqueles que chegam e fincam morada no Alto Turi. Neste contexto, embora o senhor Jovino Urbano Ribeiro, atuasse como barbeiro – nome dado aqueles que trabalham no corte de cabelo de outras pessoas – e a senhora Maria Rodrigues de Souza Ribeiro, trabalhasse como doméstica, ambos eram também trabalhadores do campo, o que evidencia uma certa ligação com muitos dos que chegam ao Maranhão, nas primeiras décadas do século XX (FERREIRA, 2015, p. 67).

Em relação a filiação, o local de origem dos pais e o tipo de atividade exercida por eles, o senhor Valdemar Ribeiro de Souza⁷ expõe que:

“Papai e mamãe eram de São João do Piauí. Eles nasceram em 1912 e chegaram no Maranhão em 38. Quando vieram pra cá, eles ficaram ali pelo Mearim. O nome de papai era Jovino Urbano Ribeiro e o de mamãe era Maria Rodrigues de Souza Ribeiro. Ele era barbeiro e trabalhava na roça. Ela era dona de casa e também trabalhava na roça. Eles tiveram 14 filhos, contando comigo.”

Neste sentido, Velho (1972), Andrade (1970) e Trovão (2008) afirmam que entre os nordestinos que migram e chegam ao Maranhão nas primeiras décadas do século XX, adentrando esse estado pelo Vale do Parnaíba – por Floriano ou Teresina –, pelo Porto de Tutóia e até mesmo Porto de São Luís, alguns seguirão os caminhos dos criadores de gado, a denominada Via Pastoril ou Frente do Gado.

Outros, geralmente agricultores, seguirão rumo ao Noroeste pelo interior do Maranhão passando por Caxias, seguindo o Rio Itapecuru, ou para o oeste, na busca das áreas drenadas dos Rios Grajaú, Mearim e Pindaré, deslocando-se ao sul das áreas ocupadas pelas Frentes Litorânea ao norte do estado, através do curso desses rios e atravessando os cerrados e os cocais, na busca pelas denominadas terras sem dono do Maranhão, chegando em 1920 no oeste de Codó, em 1940 na cidade de Pedreiras e em 1950 na cidade de Bacabal, essas duas cidade já situadas no centro do Maranhão.

Em relação a adentrada dos migrantes no território do Maranhão, embora haja referências de nordestinos adentrando este estado pela estrada de ferro São Luís-Teresina ou através do desembarque em navios no porto de São Luís, esse processo se dá, sobretudo, por três vias: o porto de Tutóia, a cidade de Floriano e a cidade de Teresina.

De forma inicial e por via marítima, muitos migrantes nordestinos adentram o Maranhão pelo Porto de Tutóia e de lá passam a se deslocar no sentido leste-oeste, [...] e no sentido norte-sul, deslocando-se pelo nordeste maranhense.

Os que adentram o Maranhão pela cidade piauiense de Floriano, se deslocam pelo interior deste estado, no sentido oeste, [...], eles são geralmente pecuaristas, embora haja também aqueles que se voltam ao desenvolvimento da agricultura.

Já aqueles que utilizam como porta de entrada a cidade de Teresina, capital do Piauí, chegam à cidade maranhense de Caxias e de lá, em dois sentidos, [...].

Os que chegam ao Maranhão no período das chuvas ou trazendo o gado, se deslocam para o sudoeste do estado, [...].

⁷ Entrevista de pesquisa concedida em 02 de janeiro de 2023, na cidade de Zé Doca – MA.

Por sua vez, aqueles que adentram o território maranhense no período de estiagem, são geralmente agricultores e rumam para o noroeste, seguindo o curso do Rio Itapecuru, ou para o oeste, em busca das áreas drenadas pelos Rios Grajaú, Mearim e Pindaré, se deslocando ao sul das áreas ocupadas pelos maranhenses situados ao norte do estado, subindo o curso desses rios e atravessando os cerrados e os cocais, na busca pela mata virgem. (MARTINHO, 2022, p. 107-108)

Deste modo, fica claro que boa parte dos nordestinos de outros estados que chegam ao Maranhão serão agricultores, como os pais do senhor Dico do JK, e vivem do trabalho do campo. Esse aspecto será inclusive um fator de influência para a escolha das áreas mais a oeste do território maranhense.

Aqui é evidente também que, como muitos outros imigrantes que chegam ao Alto Turi ou mesmo a Zé Doca e ali fixa morada, o senhor Valdemar Ribeiro é um maranhense que descende de migrantes de outros estados do Nordeste, que realizaram o processo de migração anteriormente e que no Maranhão acabaram por fixar moradia.

Como já dito, esses personagens trarão ao Alto Turi, aqui em especial a Zé Doca, grandes contribuições sociais, culturais, históricas e políticas, por tanto sendo importantes não somente ao povoamento das áreas entendidas como pouco habitadas ou desabitadas e situadas no noroeste do Maranhão, mas também à formação do povo maranhense, evidenciando uma ligação bem próxima entre o estado e outros estados do Nordeste brasileiro.

3. AS IDAS E VINDAS DE UMA MIGRAÇÃO: o processo migratório do senhor Dico do JK

Como já dito aqui, as primeiras décadas do século XX serão de intensos deslocamentos pelo interior do Maranhão. Entre aqueles que chegam de outros estados, especialmente do que hoje é a região Nordeste do Brasil, e os que se locomovem de uma região para outra no território maranhense, estão os mais distintos imigrantes com culturas, saberes e crenças diversas, que serão assim importantes para a formação de uma sociedade múltipla e com um arcabouço cultural riquíssimo.

No contexto das imigrações pelo interior do Estado do Maranhão entre as regiões que serão captadores de boa parte dos que se deslocam pelo interior deste estado está o Alto Turi, uma área situada ao noroeste do Maranhão, assim denominado em função de ser a nascente do rio Turiçu e na época vista, inclusive pelo próprio governo do Maranhão, como um espaço de extensas terras devolutas e de fronteira agrícola.

Essas questões, atreladas a outros aspectos sociais, econômicos, culturais, políticos ou naturais se constituíram como fatores de repulsão e atração de pessoas do Maranhão ou de outros estados do Nordeste e farão com que muitos migrantes optem pelas denominadas terras devolutas do noroeste maranhense, chegando e fixando moradia no Alto Turi e, não obstante, em Zé Doca, entre as décadas de 1950 e 1970.

Assim, como expõe Martinho (2022, p. 103-104), entre os fatores que fazem com que as pessoas saiam de seus locais de nascimento ou moradia e se desloquem para o Alto Turi, estão a necessidade de fugir das secas que assolavam o Nordeste de tempos em tempos, a dificuldade de absorção de mão de obra, os conflitos agrários nas áreas rurais do Nordeste brasileiro, os abusos dos coronéis, a pobreza com a qual muitos conviviam, bem como a concepção de abundância de terras férteis e devolutas em relação aquela região, ricas em recursos pluviais e fluviais e onde esses indivíduos poderiam ter um pedaço de chão para viverem de seus plantios ou da cria de animais.

Essas questões são evidenciadas quando Martinho (2022, p. 103-104), ao falar sobre os fatores de atração e repulsão de nordestinos de outros estados rumo ao Maranhão, expõe que:

Entre as décadas de 1940 e 1950, uma leva de pessoas, oriundas de outros estados do Nordeste, chegam ao estado a procura de terras férteis para o desenvolvimento da agricultura. Estas pessoas estão geralmente fugindo das enormes secas, que neste período se alastram pelo denominado Sertão do Nordeste, especialmente pelos estados do Ceará, Pernambuco e Piauí. Todavia, entre os que chegam, há também aqueles que procuram por “terras devolutas”, para se apossarem e cultivarem, sendo o Maranhão, caracterizado na época como estado repleto dessas terras, além de possuir também abundância de água e de terras cultiváveis.

[...]

Para além da fuga da seca, a dificuldade de absorção de mão de obra e os conflitos agrários nas áreas rurais do Nordeste brasileiro, os abusos dos coronéis e a situação de extrema pobreza com que muitos dos que migram conviviam em seus locais de origem, são também fatores de repulsão desses indivíduos de seus locais de origem.

Não obstante, já acerca das questões que se ligam a atração e repulsão de imigrantes em relação ao Alto Turi, especialmente ao Centro do Zé Doca, Martinho (2022, p. 105-106) evidencia também que:

[...], para além dessa ideia de fuga da seca, muitos outros migrantes se deslocam rumo ao Maranhão a partir de um imaginário de existência, neste estado, de abundância de terras férteis e devolutas, ricas em águas, chuvas e rios, e no qual poderiam obter um pedaço de chão para desenvolver seus plantios ou criar seus animais, almejando melhores condições de vida. É sobre essa fábula que se constrói a concepção de mudança de vida que rege muitos dos migrantes que chegam ao Maranhão, entre as décadas de 1930 e 1970, entre os quais estavam aqueles que foram responsáveis por colonizar as regiões do Pindaré e do Alto Turi.

A dificuldade de absorção de mão de obra do Nordeste e os conflitos agrários nas áreas rurais desta região, ligados sobretudo a má distribuição da propriedade, ao despotismo dos coronéis, a expropriação de terras e a exploração da mão-de-obra camponesa, e com origem na insatisfação dos trabalhadores do campo diante dos inúmeros e constantes abusos exercidos pelos latifundiários, são também fatores que influenciam no processo migratório de nordestinos – e aqui também maranhenses – em relação Amazônia Maranhense, onde a Região do Alto Turi se encontra situada.

Neste sentido, segundo Andrade (1973) as secas que assolavam o Nordeste de tempos em tempos, causando elevação de temperaturas, a escassez de chuvas e de outros recursos hídricos e influenciando diretamente na produção de alimentos nessa região, afeta significativamente a vida dos habitantes dessas regiões, em alguns casos levando a perda de plantios, de animais, de vidas humanas e obrigando a emigração dos moradores desses espaços para outras áreas, sendo o Maranhão um dos destinos desses indivíduos.

O trabalho ou a sua escassez, especialmente nas áreas rurais dessa, o que resulta na impossibilidade de absorção da mão de obra local e influencia, diretamente, no aumento do desemprego e, conseqüentemente, da desigualdade, da pobreza e da fome, será também outro fator de expulsão de nordestinos de suas terras natais. É em vista disso que, tal qual expõe Andrade (1968), surgirão políticas voltadas a manutenção desses indivíduos em suas

terras, entre as quais estão o desenvolvimento de obras de infraestrutura para a região e o uso da mão-de-obra local nessas atividades. Assim este autor traz que:

A construção de açudes, a abertura de estradas, feita sobretudo nas ocasiões em que a seca dizimava a região, com a finalidade de dar trabalho e reter a população na própria área sertaneja, não se revelou uma política capaz de solucionar o grave problema, porque após longos anos de trabalho continuou o flagelo climático a trazer os mesmos problemas à população e esta a ter a mesma conduta, migrar, abandonar a região em que vivia para voltar a ela passada a seca. (ANDRADE, 1968, p. 130)

Aqui também, ainda no tocante aos fatores que influenciam na repulsão dos nordestinos de suas terras natais, cabe destaque aos conflitos agrários, geralmente ligados a luta pela terra, a penetração e o crescimento da grilagem nas áreas rurais do nordeste e ao aumento abusivo dos preços cobrados pelos proprietários de terra nos arrendamentos (ANDRADE, 1986; ARCANGELI, 1987; LIMA JUNIOR, 1987).

O despotismo dos coronéis, especialmente nas áreas rurais do Nordeste, como coloca Andrade (1986), caracterizado pelo mandonismo, pela subjugação das populações mais pobres dessas áreas e pela forte repressão aqueles que se colocavam em oposição a esse sistema, será também um desses fatores que influenciará para o processo de repulsão de nordestinos das suas áreas de origem.

Por sua vez, no tocante aos fatores de atratividade de migrantes em relação ao Maranhão, aqui com foco especial para região do Alto Turi, o que autores como Martinho (2022) e Arcangeli (1987) afirmam é que a ideia de abundância de terras sem dono, férteis e ricas em recursos fluviais e pluviais presente no imaginário dos que migram para esse estado, influenciaram diretamente na escolha por esse território.

Para Martinho (2022), junto a esses imigrantes haverá também aqueles que se deslocaram rumo ao Alto Turi, aqui em especial ao Centro do Zé Doca, com o intuito de comercializar com as pessoas que ali já habitavam, levando produtos que serão importantes para a vida e a sobrevivência na região. Esses personagens serão os pioneiros no processo de introdução do comércio, que na localidade, inicialmente se faz via as pequenas casas de

secos e molhados ou através do trabalho itinerante de vendedores ambulantes ou de caixeiros viajantes.

Neste contexto, será através do trabalho como vendedor itinerante que o senhor Dico passará a ter contato com o então Centro do Zé Doca. Assim, a partir do ano de 1960, é trabalhando como vendedor na Casa Ribeiro, loja de tecidos localizada em Lagoa Bonita e pertencente ao senhor Cassiano Ribeiro de Sousa, o seu irmão mais velho, que o senhor Dico tem os seus primeiros contatos com o Alto Turi, aqui em especial o Centro do Zé Doca, quando o mesmo se deslocava daquela localidade para venda de tecidos aos moradores desta região.

Nesse processo, após anos de idas e vindas entre o Mearim e o Alto Turi, em 1963, o senhor Dico do JK decide fincar morada no então Centro do Zé Doca, ali fundando a Casa Ribeiro, uma espécie de filial em Zé Doca com o mesmo nome da loja de tecidos do seu irmão existente em Lagoa Bonita e que será uma das primeiras lojas do então Centro do Zé Doca. O processo de fundação da Casa Ribeiro e da posterior inauguração do Magazine JK em Zé Doca é evidenciado por Joselia Duarte da Costa Sousa, filha do senhor Valdemar, em:

“Papai trabalhava na Lagoa Bonita em uma loja com ele, o meu tio. Lá era Casa Ribeiro. Quando ele veio pra cá, o papai, por que ele sempre vinha pra cá e ele sentiu vontade de botar essa loja, o meu tio deu uma força pra papai, mas a loja era do papai. Ai papai quando deixou de vender tecidos passou a vender miudezas, que no caso a loja de miudezas seria o Magazine JK. A que ele fundou foi a Casa Ribeiro mesmo. [...] Antes era Casa Ribeiro. Assim que ele chegou aqui. Quando ele passou a vender diversas coisas se tornou Magazine, que depois se tornou Magazine Jk pela admiração que ele tem por Juscelino Kubitschek.”

Nesse processo, um dos pontos que marcam a memória do senhor Dico é o trajeto de sua localidade natal até Zé Doca, pois segundo o mesmo nesse trajeto boa parte era realizado a pé e embora já nesse período houvesse tráfego de carros até Santa Inês, para se chegar a Zé Doca, somente era possível o traslado via lombo de animais, em veículos de tração animal ou a pé, como a maior parte das pessoas faziam.

Deste modo, segundo o próprio, esse traslado de Santa Inês a Zé Doca, a pé era geralmente realizado em um dia e meio, sendo preciso para tanto o pernoite as margens do Rio Pindaré para pegar a barca no outro dia e seguir viagem pela estreita estrada de chão existente antes da construção da BR-316 até se chegar ao Centro do Zé Doca, após passagens por Bom Jardim (hoje cidade de Bom Jardim) e Chapéu de Couro (hoje cidade de Governador Newton Bello). Acerca de seu processo migratório em direção ao Centro do Zé Doca e exemplificando a realidade de muitos dos que se deslocavam em direção a esta localidade o senhor Valdemar Ribeiro de Souza expõe que:

“No começo a gente vinha de pé. De Bacabal para Santa Inês eu ainda vim de pé. Foi aí quando começou a aparecer uns paus-de-arara, de carroceria. A gente vinha em cima dos paus-de-arara. Às vezes de Bacabal até Santa Inês. De Santa Inês para cá no começo a gente vinha de pé. Aí depois apareceu as carroças de boi carregando as mercadorias. Um trazia de Santa Inês até na beira do rio e o outro pegava do rio para cá. Burro tinha demais nessa estrada. Era fila de burro maior do mundo, mas eu nunca andava montado em animal. Só era de pé. Botava a carga no burro e vinha embora. A gente atravessava o rio na canoa. De Bacabal pra cá era uns três dias a pé. De Santa Inês pra cá era dia e meio. A gente dormia no tirirical, dormia no Bom Jardim, dormia no Chapéu de Couro, por aí, até chegar no Zé Doca.”

A partir dessas questões e da afirmativa do senhor Dico fica evidente a realidade dos que imigram para Zé Doca entre as décadas de 1950 e 1970, de um traslado difícil, moroso, cansativo e perigoso, que podia levar dias e onde, por vezes, era necessário a travessia por lugares que traziam riscos a vida desses migrantes, como baixões pantanosos, igarapés, rios ou outras formações naturais.

Embora a migração atrelada ao trabalho comercial seja uma similaridade menos comum entre as trajetórias de vida dos que imigram para o Alto Turi, uma vez que de acordo com Andrade (1973) os que imigram para o Alto Turi são majoritariamente trabalhadores do campo, a história do senhor Valdemar Ribeiro de Souza se faz importante ao entendimento dos primórdios do comércio em Zé Doca, mas também à compreensão da história de uma classe tão fundamental a sociedade e economia

zedoquense, a dos comerciantes, que inclusive alguns, ao longo do tempo, passarão a fazer parte da elite local, junto a grandes fazendeiros e pecuaristas.

Para além do pioneirismo nas atividades comerciais zedoquense, como um dos primeiros moradores do então Centro do Zé Doca, o senhor Dico é um expectador do cotidiano e da realidade dos primórdios dessa localidade. Em vista disso, a realidade das casas de taipa, o uso de carroças, animais ou ainda do pau de arara como transportes, o iluminar das noites via lamparinas ou lampiões e muitos outros aspectos do cotidiano dos primeiros moradores é vivenciado pelo senhor Dico e evidencia a sua relevância como um personagem da história de Zé Doca.

Neste sentido, ao falar sobre a realidade de Zé Doca nos seus primeiros contatos com essa localidade, o senhor Valdemar Ribeiro de Souza expõe:

“Nas primeiras vezes que vim pra cá, o Zé Doca era mata. O Bom Jardim, o Chapéu de Couro e o Josias eram os maiores lugares dessas redondezas, eram muito falado. [...] A gente vinha pra cá, da Santa Inês até o Zé Doca, no lombo de animal ou a pé mesmo. Eu mesmo gostava de vim a pé, mas tinha gente que vinha no lombo de burro. Tinha até gente que vinha de carroça. Quando abriu a estrada, a gente podia vim já de pau de arara. No Zé Doca tinha poucas casas e a maioria era de taipa mesmo. De barro, coberta de palha. Eram bem simples. [...] A noite, a gente não tinha essa luz elétrica de hoje, na época era lamparina mesmo pra iluminar a noite [...]. Quando eu cheguei aqui as primeiras vezes, tinham poucas ruas. Aquela rua do comercio era só matagal. O Zé Doca era um lugar bem simples e tinha poucas famílias morando.”

Esses apontamentos deixam claro que o senhor Dico é um personagem que vivencia todo esse processo, com experiência real em relação a imigração entre o Mearim e o Alto Turi e ao cotidiano nos primeiros anos de Zé Doca, o que mostra a sua importância como um agente ativo nos processos históricos e deixa claro a relevância de seu olhar para a própria compreensão da história desse local.

Não obstante, o senhor Dico será também testemunha ocular de acontecimentos importantes para o desenvolvimento local, para a emancipação de Zé Doca e para afirmação desta localidade como o principal município do Alto Turi, entre os quais estão as ações de colonização da SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do

Nordeste) e COLONE (Companhia de Colonização do Nordeste), a construção da BR-316, os plebiscitos de emancipação, as eleições municipais e a implementação de instituições comerciais, bancárias e escolares de médio e grande porte que se constituirão como importantes atrativos a imigrantes do Maranhão e de outros estados do Nordeste.

Aqui é importante citar que, tal qual afirmam Martinho (2022) e Luz e Florêncio (2011), a atuação da SUDENE, a partir do Projeto de Povoamento do Maranhão (PPM) voltado a um processo de colonização dirigida para as áreas situadas no oeste e noroeste deste estado e entendidas a época como devolutas, junto a posterior ação da COLONE, responsável pelo Projeto de Colonização do Alto Turi (PCAT), substituto daquele primeiro projeto, viabilizará a implementação de uma significativa infraestrutura na região, que terá o Centro do Zé Doca como ponto de referência e que favorecerá a atração de um contingente cada vez maior de pessoas.

Nesse sentido, serão a SUDENE e, posteriormente, a COLONE as responsáveis pelo assentamento de colonos dirigidos nos núcleos e lotes dos projetos, bem como pela a regularização da terra de assentados espontâneos que já habitavam a região antes mesmo dessas instituições ali chegarem para a implementação de seus respectivos projetos.

E nesse processo, segundo Martinho (2022), como forma de dar assistência e prestar serviços aos colonos que ali viveriam, serão também essas instituições as responsáveis pela implantação de infraestrutura básica nos núcleos, entre as quais estão escolas, praças de esporte e postos de saúde. Aqui também é importante dizer que, ao instalar sua sede no então Centro do Zé Doca, a COLONE, por exemplo, irá dispor à população local uma estrutura de apoio que compreendem escolas, espaços para lazer, postos de saúde e hospitais, além de oficinas, depósitos para armazenamento e indústrias de pequeno porte para atender a demanda da instituição e dos nucleados.

A construção da BR-316 a partir dos trabalhos do 2º Batalhão de Engenharia de Construção (2º BEC) e através de solicitação feita pela SUDENE, é uma exemplificação da importância da atuação desse batalhão para o desenvolvimento da região, uma vez que essa estrutura se constituiu como um importante meio para o aumento no fluxo de pessoas

rumo ao Alto Turi, bem como para uma considerável diminuição na duração do traslado entre os diversos povoados que se formam na região as margens dessa estrada.

Não obstante, segundo Matos *et al*(2019), o 2º BEC será também importante para Zé Doca, em função da infraestrutura que esse batalhão estabelece no local em meados da década de 1970, para a fixação de seus trabalhadores, constituída por casas, ruas, avenidas e campos de pouso para aeronaves, que hoje constituem a denominada Vila do Bec, um dos bairros mais importantes da localidade, sede do poder executivo e de secretarias importantes, como a de Educação e a de Cultura.

Testemunha ocular das políticas desenvolvimentistas de Juscelino Kubitschek, que inclusive resultarão na criação da SUDENE, na tentativa de implantação do Projeto de Povoamento do Maranhão (PPM) para as denominadas áreas devolutas deste estado e na construção de inúmeras rodovias pelo interior do Brasil, entre as quais estão a BR-316, o senhor Dico demonstrará tamanha admiração por aquele político que a sigla JK atrelada a um dos seus empreendimentos mais reconhecidos em Zé Doca, o Magazine JK, na fala do próprio pesquisado, é uma forma de homenagear Kubitschek.

Isso fica claro quando o senhor Valdemar Ribeiro expõe que “[...] o nome da loja, Magazine JK, eu coloco em homenagem ao JK, o presidente Juscelino, porque eu gostava dele e admirava a forma como ele governava. [...] Foi ele quem construiu essa BR que passa aqui, [...]”.

Este ponto nos permite entender que a percepção de mundo do Senhor Valdemar Ribeiro, quer em relação ao local, ao regional ou mesmo ao nacional, pode também ser concebida como uma rica e importante via para a compreensão de elementos, fenômenos ou eventos históricos que acontecem concomitantemente a história deste personagem.

4. VALDEMAR RIBEIRO DE SOUZA EM ZÉ DOCA: a vida, o trabalho e a produção do acervo histórico do Magazine JK

Até os primeiros anos de sua existência Zé Doca era apenas um pequeno povoado, com poucas casas, poucas ruas, poucos moradores, que sobretudo eram advindos de outras áreas do Maranhão ou mesmo de outros estados do que hoje se entende como o Nordeste brasileiro, e que foram fundamentais para o povoamento e a formação sociocultural deste lugarejo.

Como expõe Martinho (2022) e Luz e Florêncio (2011) as décadas de 1950 e 1970 são de intenso movimento rumo ao Alto Turi, muitos dos que imigram para essa região ficam morada no então Centro do Zé Doca e ali passam a viver da agricultura, da criação de animais ou mesmo do comércio de abastecimento das demandas locais, representado pelas pequenas mercearias ou mesmo pelos comerciantes itinerantes, como os denominados ambulantes.

Como já dito, os primeiros contatos do senhor Dico com o então Centro do Zé Doca, ainda nos primeiros anos da década de 1960, se dá muito em função de sua atividade como vendedor de tecidos na loja de seu irmão, a Casa Ribeiro, situada em Lagoa Bonita, quando ele realizava viagens para Zé Doca, para a venda desse tipo de produto a população local.

Essas afirmativas trazem a luz os primórdios do comércio local e as suas características, evidenciando elementos como o ambulante, personagem típico da cultura comercial zedoquense que é inclusive trazido por Martinho (2022, p. 93) em:

[...], é importante dizer que além das casas de beneficiamento de arroz – as chamadas indústrias ou usinas –, destinadas a captação, o beneficiamento e venda deste produto no local, nos lugarejos próximos ou em outras regiões, o comércio, que no início do povoamento de Zé Doca era uma atividade econômica bem tímida e sem muita expressividade, se caracterizava também pelo abastecimento da demanda local, a partir das primeiras mercearias, quitandas, bodegas – as populares casas de secos e molhados –, além dos ambulantes ou caixeiros viajantes, e tinha como principais produtos de consumo os gêneros alimentícios e as bebidas.

Dos primórdios do comércio, como atividade econômica historicamente relevante para a cidade de Zé Doca, aqui é importante dar notabilidade a elementos como os vendedores itinerantes – labor inclusive desenvolvido pelo senhor Dico nos seus primeiros

contatos com Zé Doca –, as bodegas e as usinas de arroz, que são partes exemplificadores do processo de crescimento dessa atividade em Zé Doca.

O comércio se constituirá então com uma atividade econômica historicamente importante para a cidade de Zé Doca (JANSEN *et al*, 2020). Assim, Martinho (2022) afirma inclusive que comerciantes locais, por vezes, serão vias de empréstimos para agricultores da localidade que não conseguiam esses créditos junto aos bancos. Essa relação favorecerá inclusive, um certo acúmulo de capital pelos comerciantes, em função dos juros altíssimos cobrados nesses empréstimos.

Todavia, os comerciantes serão também importante para o processo de afirmação do comércio local como uma das principais atividades econômicas de Zé Doca, bem como da transição de uma economia zedoquense basicamente agrária e de subsistência para uma economia agrícola mais comercial, como afirma Martinho (2022, p. 93) em:

[...] comerciantes exercerão um papel importantíssimo no processo de transição de uma economia agrícola basicamente de subsistência, prevalecente nos primeiros anos do Centro do Zé Doca, para uma economia agrícola mais comercial, destinada tanto ao abastecimento local quanto a outras regiões do Maranhão e do Brasil e que tem como o seu principal produto de comercialização, o arroz.

Acerca do processo de implementação da Casa Ribeiro em Zé Doca, é importante dizer que essa loja é primeiramente instalada as margens da vereda de estrada que antecede a BR-316, no espaço do que é hoje a Santiago Construções e que outrora fora o Luís Prémoldados. Posteriormente a loja se instala no que hoje é a Avenida do Comércio, ao lado da Casa Morais, no espaço do que hoje é o Paraíso das Bolsas.

Com a sua fixação em novembro de 1963 em Zé Doca e a fundação da Casa Ribeiro nessa localidade, uma espécie de filial de loja homônima do irmão localizada em Lagoa Bonita, o senhor Dico inicia a sua trajetória como morador do Centro do Zé Doca, para atuar como um vendedor de tecidos e um pioneiro no comércio local.

Essa loja de tecidos, de acordo com Luz e Florêncio (2011) se constituirá como um dos primeiros comércios do então Centro do Zé Doca, o que reafirma a sua

importância histórica para essa localidade. Junto a ela estes autores destacam ainda outros estabelecimentos comerciais como pioneiros na localidade, entre os quais estão a farmácia do Senhor Raimundo Silva Costa – popular Bebê – e a usina de beneficiamento de arroz do Senhor Mundicão e do senhor João da Usina.

Corroborando com essa afirmativa e complementando-a, a entrevistada Joseane Duarte da Costa Sousa⁸, filha do senhor Dico, vai dizer que:

“Junto à loja de meu pai, outras pequenas lojas também foram se estabelecendo em Zé Doca. Uma delas foi a loja de tecido que era do seu Antônio Farias e que ficava ali onde hoje é o Banco do Brasil. [...] Antigamente ali era um baixão e os comércios ficavam lá embaixo. Tinha uma mercearia, lá na avenida Stanley, do seu Raimundo Francisco, que é o cunhado do meu pai, esposo da tia Lili. Era onde eles moravam mesmo, hoje é próximo de onde fica a Liliane, antes da Liliane. A primeira farmácia foi a do seu Bebê, lá na avenida Stanley e onde era o cinema. Tinha uma mercearia também do seu Dico Oliveira ali na esquina da Rua da Paz. Outra mercearia foi a do seu Zeca do Cândido que era lá na Rua Santa Teresa, na esquina da Rua Santa Teresa tinha uma mercearia do seu Zeca do Cândido. Antigamente entre os primeiros comerciantes tinham muitas mercearia. A coisa que vendia mais era mercearia. [...] E a primeira usina de arroz foi a do seu João da Usina, ali perto da Assembleia de Deus, onde hoje é o prédio de uma escola.”

É atuando como vendedor na Casa Ribeiro que o senhor Dico do JK conhece a senhorita Zélia Duarte da Costa Silva, com quem se casa em 1965 e tem 4 filhos, Joseane, Josélia, Josaniel e Jerlane. Tempos depois, para além desses 4 filhos do casamento com Dona Zélia, ele acaba tendo também outros dois filhos, Silvia Letícia e Gabriel.

Dona Zélia, pertencente a três das famílias mais tradicionais e influentes da localidade, os Costa, os Araújo Luz e os Duarte, chega em Zé Doca em dezembro de 1963, sendo oriunda de Santa Tereza do Zé Gato, um povoado na época pertencente ao município de Lago da Pedra, situado na parte central do território maranhense.

Em relação ao povoado Santa Teresa do Zé Gato, cabe dizer que este tem um papel importante no processo de povoamento e formação do Centro do Zé Doca, uma vez que muitos dos que chegam a essa localidade são oriundos daquele povoado e neste lugarejo

⁸ Entrevista de pesquisa concedida em 31 de julho de 2023, na cidade de Zé Doca – MA.

são responsáveis pela introdução das bases católicas, com a construção da primeira igreja, a atual capela da Igreja Nossa Senhora da Imaculada Conceição da Comunidade Santa Tereza, situada na Rua Santa Tereza, na parte central de Zé Doca, rua que inclusive tem seu nome em associação ao povoado de Santa Teresa do Zé Gato (MARTINHO, 2022).

Em 1967, o trabalho como vendedor de tecidos e a Casa Ribeiro dão lugar ao trabalho como vendedor de miudezas e ao Magazine JK, uma loja com tradição em Zé Doca na venda de miúdos diversos. Iniciava-se ali os trabalhos de uma das empresas mais longevas, tradicionais e conhecidas do município de Zé Doca, que ao longo de mais de meio século se especializou na venda de produtos diversificados e especializados, que vão desde peças para utensílios domésticos a artigos para habitação em plásticos, borrachas e vidro.

Situado na Avenida do Comércio, em frente à Praça do Comércio, o Magazine JK ao longo de quase seis décadas se torna um ponto comercial de referência em Zé Doca e fica marcado nessa cidade pela capacidade de se reinventar. A exemplo disso, no tempo dos discos de vinis a loja vai se caracterizar como um espaço de destaque no lugarejo pela venda e gravação dos mais variados estilos musicais nesses equipamentos, enquanto que na época em que as fitas cassetes ou mesmo os CDs ganham notoriedade, a loja se direcionará a comercialização e gravação de músicas nesses tipos de instrumentos.

Como empresário o senhor Valdemar Ribeiro de Souza, ao alcançar uma condição econômica abastada, passa a materializar um dos mitos brasileiros mais populares que existe, o de que com trabalho se pode “vencer na vida”. Aqui é importante dizer que esse alcance muito se dá em função de o senhor Dico se constituir como um importante empresário local, especialmente em função de seu trabalho voltado ao comércio de miudezas.

Enfatizando o pioneirismo e a importância do trabalho do senhor Dico como comerciante em Zé Doca, o Membro Fundador da Academia Zedoquense de Letras,

entusiasta e estudioso da história de Zé Doca, Michel Herbert Florêncio⁹ (2023) afirma que:

“O senhor Dico do JK, foi um dos pioneiros de Zé Doca como comerciante, com sua loja bastante variada de artigos e utensílios. [...] Como comerciante, é um homem de visão, perseverante e dedicado. Seu comércio, um verdadeiro “tem de tudo”, quase sempre satisfaz as expectativas de seus fregueses.”

Acerca da importância do senhor Dico como um dos pioneiros no processo de povoamento de Zé Doca e do destaque de seu trabalho como comerciante, o atual Presidente e Membro Fundador da Academia Zedoquense de Letras, Ezequias Sousa da Silva¹⁰, expõe:

“O senhor Dico, como popularmente ficou conhecido, é parte da história de Zé Doca, pois foi um dos pioneiros na fundação deste município. Tendo contribuído no processo de desenvolvimento do comércio local. Conheço o trabalho dele na cidade como comerciante, onde sempre comercializou produtos que eram difíceis de se encontrar em outros comércios e a opção sempre foi e ainda é o Magazine JK.”

Essa perspectiva nos permite entender a importância desse personagem para a história de Zé Doca, especialmente no que tange aqui ao desenvolvimento comércio nesse local, mas também nos viabiliza perceber que, como a gente ativo no processo histórico nessa localidade, a visão do seu Dico se faz significativa a próprio da história desse lugar.

Todavia, é a partir da década de 1970, que esse espaço passa a se configurar também como um importante meio de valorização e enaltecimento da cultura e da história local, regional, nacional e até mesmo Mundial. Ali, a partir do ano de 1970, passa a ser exposto também uma grande diversidade de peças antigas, que de alguma forma poderiam ser associadas a cultura e a história de Zé Doca, do Nordeste brasileiro, do próprio Brasil e até mesmo do mundo, entre as quais cabe destaque a jornais locais, fichas de cadastros em

⁹ Entrevista de pesquisa concedida via aplicativo WhatsApp em 12 de março de 2023, na cidade de Zé Doca – MA.

¹⁰ Entrevista de pesquisa concedida em 15 de março de 2023, na cidade de Zé Doca – MA.

associações locais como a UPM, jornais antigos, esculturas de bonecos de madeira ou de barro, utensílios domésticos antigos e moedas e espadas do período imperial e colonial.

Trazendo mais informações acerca dos elementos que compunham o acervo do seu Valdemar Ribeiro, existente no Magazine JK, Joseane Duarte da Costa Sousa, filha deste personagem vai afirmar que:

“[...] ele tem radiola do tipo palito, Philco da década de 50. Ele tem a vitrola que toca a corda da década de 20. Ele tem uma das primeiras televisões fabricadas, da marca Philco, da década de 60, [...] pé de palito também. Tem também uma das primeiras lâmpadas incandescentes, [...]. Ela funcionava a querosene, só que tinha que ser injetado nela, uma bomba tipo um ar, pra ela acender. E também um dos primeiros telefones. E tem também [...] a espingarda que era do finado Zé Doca, que já tem mais de 60 anos no museu dele. Papai também tem vários rádios antigos [...]”

Ainda em relação aos elementos possíveis de serem encontrados no acervo do Magazine JK, a intelectual local e Membro Efetiva da Academia Zedoquense de Letras, Nazira Reis Cutrim¹¹ traz que “[...] há 40 anos eu observo aquele acervo, inclusive lá tem um fogão a lenha, que eu passava todo dia na Rua do Comércio, só para eu namorar aquele fogão, de tão importante que ele é para os nossos conhecimentos.”

Deste modo, essas afirmativas são capazes de dar um pequeno norte em relação a riqueza de elementos que compunham acervo do senhor Valdemar Ribeiro, existente no Magazine JK.

Por meio de um trabalho de toda uma vida, extenso, cauteloso e consciente, o senhor Dico organiza um riquíssimo acervo de utensílios, peças e equipamentos ligados ao cotidiano, a política, a economia e aos diversos outros aspectos da cultura das sociedades zedoquense, nordestina, brasileira e mundial.

O trabalho de preservação da memória e da história que conta com uma enorme quantidade de peças, acaba ganhando destaque na comunidade local e entre aqueles que

¹¹ Entrevista de pesquisa concedida via aplicativo WhatsApp em 10 de março de 2023, na cidade de Zé Doca – MA.

tem contato com o mesmo, especialmente aqueles que tem o conhecimento do valor patrimonial, histórico e cultural que cada peça possui.

Dotado de uma vasta e diversa quantidade de peças, que ultrapassam a casa dos milhares, o acervo, construído ao longo de sua vida pelo senhor Dico, apresenta peças raríssimas, como moedas do século XIX, partes de aviões que datam da primeira metade do século XX e espadas pertencente ao período imperial do Brasil.

Além disso, há ali também uma vasta gama de peças com ligação direta à cidade de Zé Doca e o seu processo de fundação e formação, como utensílios do cotidiano dos primeiros moradores, entre os quais estão sandálias, lamparinas e roupas. A importância e influência da cultura nordestina também são notórias em seu acervo a partir de elementos da cultura desse povo, como instrumentos musicais e artefatos do artesanato.

Corroborando com essas informações acerca da relevância do acervo do senhor Dico e enfatizando a importância de um olhar mais cuidadoso em relação a todo o material levantado por esse personagem, o entrevistado da história de Zé Doca, Michel Herbert Florêncio, afirma que:

“O senhor Dico do JK, [...], tem em seu comércio uma verdadeira riqueza histórica e cultural, resultado da arte de colecionador de relíquias. Creio que seu acervo histórico está entre os maiores do nosso Estado e tem por esta razão um valor cultural inestimável para nossa cidade, basta para isso ter o devido reconhecimento e valorização do seu legado histórico e cultural. Seu acervo merece sem sombra de dúvida um espaço, museu, que abrigue e divulgue sua riqueza.”

Por sua vez, Ezequias Sousa da Silva, Presidente e Membro Fundador da Academia Zedoquense de Letras, ao falar sobre o acervo que o senhor Valdemar possui, expõe sobre sua relevância histórica e cultural para Zé Doca, o Maranhão e o Brasil, ao colocar que:

“O acervo é muito importante para nossa cidade, pois possui peças raras que representam não só a história local, mas também a história do Maranhão e do Brasil. O acervo possui peças singulares. Para Zé Doca possuir tal acervo é uma riqueza que ainda não é explorada, pois pode promover a Cultura local e também fomentar o turismo na cidade.

O senhor Dico é uma referência quando se trata da história e da preservação da memória da nossa cidade, sendo assim o mesmo é um ícone do nosso município,

na economia o mesmo ajudou a desenvolver o comércio local e assim promoveu o desenvolvimento da nossa cidade como a conhecemos hoje.”

Já a professora Nazira Reis Cutrim, também Membro Fundador da Academia Zedoquense de Letras e reconhecidamente uma intelectual local, vai também concordar com os entrevistados anteriores sobre a importância do acervo do seu Dico para a preservação da história e da cultura local, regional e nacional, afirmando que:

“[...] há 40 anos eu conheço o seu Dico do Magazine JK [...]. Então o seu Dico, como pessoa, é muito importante na nossa cidade e o acervo que ele tem [...] é muito grande e muito importante. Pessoas que não tem conhecimento, de forma nenhuma, nem de ouvir falar, quando se depara com aquele acervo é uma benção de Deus, sobre os conhecimentos para as pessoas. Então lá tem muita coisa, muita coisa. Seria até bom se nós tivéssemos um espaço maior, um espaço onde o público pudesse visitar e valorizar o que o seu Dico tem de acervo ali. Então é muito importante para os conhecimentos, que as pessoas acham que conhecimento é só conhecimento científico, através dos livros. Pelo contrário, peças onde você possa manusear, onde você possa observar tamanho, forma e, principalmente, a utilidade. Então é muito importante esse acervo que nós temos e que foi conservado por seu Dico. Quiséramos nós ter outras pessoas que também fizessem a mesma coisa. [...] do seu Dico são peças, peças que ninguém nem imagina que pudesse existir aqui Zé Doca e está lá. [...] Nós temos muita coisa, mas repetindo [...] é de muita importância para os nossos conhecimentos, não só o conhecimento visual, mas o conhecimento também de manusear, saber como funciona aquilo ali, pegar, ter o contato físico. Esse contato físico é muito importante [...].”

Caracterizado como um acervo de enorme valor financeiro e valor histórico, patrimonial e cultural inestimável, o espaço criado pelo senhor Dico, que pode ser caracterizado como antiquário em função de sua estrutura e do próprio fato do dono do espaço ser entendido como um entusiasta dessa área, muito embora na perspectiva popular zedoquense este seja denominado de “o museu da cidade”, é um verdadeiro local de enaltecimento das riquezas históricas e culturais de Zé Doca, do Nordeste brasileiro, do Brasil e do mundo, o que evidencia a importância singular deste espaço, mas também a relevância do reconhecimento ao trabalho de criação, de estruturação e de preservação do local como algo fundamental à sociedade e cidade de Zé Doca.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões aqui apresentadas permitem perceber o quão significativa é a história do Senhor Valdemar Ribeiro de Souza para a história local, do município de Zé Doca, ou mesmo regional, na perspectiva da história do Alto Turi e até mesmo do Nordeste, haja vista ser dotada de elementos que se ligam a história dessas espacialidades e, por tanto, é fundamental a própria compreensão da história dessas regiões ou dessa localidade.

A partir das reflexões aqui colocadas é possível entender também que as contribuições do senhor Valdemar Ribeiro de Souza estão para além das questões meramente sociais, em função do fato dele se colocar como um personagem imigrante constituinte da sociedade zedoquense, ou econômicas, haja vista ele se caracterizar historicamente como um empresário de sucesso em Zé Doca, pois é também cultural, em função dos trabalhos em favor da preservação histórica e cultural da cidade dessa localidade, da região nordeste, do Brasil e até mesmo do mundo, materializada no seu acervo presente na loja Magazine JK.

Aqui também fica claro que muitos dos elementos constituintes da história do Senhor Valdemar são perceptíveis ou se associam com a história de muitos outros imigrantes que chegam ao futuro entre as décadas de 1950 e 1970 e que ali são importantes para o processo de fundação e desenvolvimento dos inúmeros lugarejos que se formam nessa região, especialmente aqueles que se estruturam ao longo da BR-316 como o Centro do Zé Doca, hoje município de Zé Doca.

Nesse sentido, em função do que foi aqui debatido, fica claro que o olhar sobre a trajetória de vida do Senhor Valdemar Ribeiro de Souza nos permite um olhar também acerca das origens, da ascendência, do labor, do cotidiano, do processo migratório e seus desafios e da adaptação dos que chegam ao Alto Turi e ao Centro do Zé Doca entre as décadas de 1950 e 1970.

Não obstante, o trabalho de preservação histórica e cultural local, desenvolvido pelo senhor Dico e materializado no acervo que esse personagem estrutura ao longo de sua vida

e que fica situado em sua loja, o Magazine JK, na cidade de Zé Doca, onde é possível inclusive encontrar peças importantes para a compreensão da história desse lugar, evidencia e coloca esse personagem como um agente ativo no processo histórico dessa localidade.

Em vista de tudo isso, fica claro a importância deste estudo para a compreensão das contribuições históricas e culturais que o senhor Dico traz para a região do Alto Turi ou para a cidade de Zé Doca, para o entendimento acerca dos processos de migração rumo ao Alto Turi que envolvem muitos maranhenses e nordestinos de outros estados, mas também, e talvez principalmente, para a percepção de que a história é também movida por personagens comuns, que embora não tenham uma participação política, militar ou administrativo de destaque, são social e culturalmente importantes, como é o caso do senhor Dico, para a história da região do Alto Turi e da cidade de Zé Doca.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV, 2013.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **A Terra e o Homem no Nordeste**. 3ª ed. (Revista e Atualizada) São Paulo: Brasiliense, 1973.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **Lutas camponesas no Nordeste**. São Paulo: Ática, 1986.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **Nordeste, Espaço e Tempo**. Petrópolis, Vozes, 1970.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **Paisagens e Problemas do Brasil**. São Paulo, Brasiliense, 1968.
- ARCANGELI, Alberto. **O mito da terra: uma análise da Colonização da Pré-Amazônia Maranhense**. São Luis, UFMA/PPPG/EDUFMA, 1987.
- BARROS, José D'Assunção. Fontes históricas: olhares sobre um caminho percorrido e perspectivas sobre os novos tempos". In: **Albuquerque: revista de História**. Campo Grande: MS, v. 2, n. 3, jan./jun. 2010, pp. 71-115.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Zé Doca – História & Fotos**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/ze-doca/historico>. Acesso em: 29 dez 2022.

BRASIL. Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste. **Projeto de Povoamento do Maranhão**. Recife, 1966.

BRASIL. Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste. **Projeto de Colonização do Alto Tuni (Maranhão)**. Recife, 1972.

BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales (1929-1989)**. Tradução de Nilo Odália., 2 ed. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1992.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral – memória, tempo, identidades**. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009.

FERREIRA, M. M. G. **Construção do Eldorado Maranhense: experiência e narrativa de migrantes nordestinos em municípios do Médio Mearim-MA (1930-1970)**. Tese (Doutora em História Social) - Programa de Pós-graduação em História, Faculdade de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015, p. 21-22.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

JANSEN, A. F.; CASTRO, D. A. L.; SANTOS, M. F. **A importância das atividades comerciais para a economia, história e sociedade do município de Zé Doca**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Tecnologia em Gestão Comercial) - Universidade Estadual do Maranhão, Núcleo de Tecnologia para Educação, 2019.

LEAL, A. W. O.; MARTINHO, M. (Orgs.). **Zé Doca: a história da formação dos principais bairros e suas ruas**. 1ª Ed. São Paulo, SP: Lesto Editora, 2019.

LIMA JÚNIOR, Heitor Moreira. **Colonização de fronteira agrícola: um modelo de desenvolvimento rural**. São Luis, UFMA/PPPG/EDUFMA, 1987.

LUZ, A. M.; FLORÊNCIO, M. H. **O Município de Zé Doca: passado e presente**. São Luis, MA: Café&Lápis, 2011.

MANHÃES, L. C. S. **Educação e lutas sociais na colonização dirigida: o Alto Turi maranhense: 1962-1984**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Fundação Getúlio Vargas, Instituto de Estudos Avançados em Educação, Departamento de Administração de Sistemas Educacionais, 1987. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/9075>. Acesso em: 20 jan 2023.

MARANHÃO. **Lei nº 4865 de 15 de março de 1988.** Dispõe sobre a criação do Município de Zé Doca e dá outras providências. 1988, s/n

MARTINHO, Mailson. O mito fundante do Centro do Zé Doca: apontamentos e reflexões. In.: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão.** Diretoria de Serviços de Divulgação. ANO 95. Nº 47. São Luis, 2021.

MARTINHO, Mailson. **Terra Altaneira: conhecendo e debatendo a história de Zé Doca.** UEMA, São Luís, 2022.

MATOS, D. C. O.; FERREIRA, E. L. de A.; SILVA, F. D. S. da L.; CARVALHO, J. M. de; GONÇALVES J. M.; PONTES, J. L. R.; FEITOSA, L. A.; MARTINHO, M.; OLIVEIRA, R. da C. Capítulo IV – A Vila do Segundo Batalhão de Engenharia de Construção. In.: LEAL, A. W. O.; MARTINHO, M. (Orgs.). **Zé Doca: a história da formação dos principais bairros e suas ruas.** 1ª Ed. São Paulo, SP: Lesto Editora, 2019.

NASCIMENTO, F. J. da S.; FERREIRA, F. dos S.; MARTINHO, M.; FLORÊNCIO, M. H. A.; GERUDE NETO, O. J. de A. **Zé Doca: minha cidade, minha memória, minha história.** São Luís, MA: Editora Genial, 2023.

TROVÃO, José Ribamar. **O processo de ocupação do território maranhense.** São Luís: IMESC, 2008.

VELHO, Otávio Guilherme. **Frente de expansão e estrutura agrária: estudo do processo de penetração numa área da Transamazônia.** Rio de Janeiro, Zahar, 1972.